

O VISÍVEL E O INVISÍVEL EM PLATÃO E EM MERLEAU-PONTY: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

**THE VISIBLE AND THE INVISIBLE IN PLATO AND IN MERLEAU-
PONTY: APPROACHES AND DISTANCES**

LUCIANO COUTINHO

CECH – UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB / INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

LUCIANOCOUTINHO1@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-3868-9950](https://orcid.org/0000-0003-3868-9950)

87

JÉSSICA SCHMITT

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB

JESSICA_SCHMITT@HOTMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0767-1742](https://orcid.org/0000-0002-0767-1742)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 28/03/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 28/09/2022

Resumo: A temática da metafísica vem sendo foco de discussão ao longo da História da Filosofia. Platão influencia de maneira direta e indireta muitos filósofos e pensadores que se propõem a adentrar no universo destas questões. Dentre estes, encontra-se Merleau-Ponty, que sofre influência dos pensamentos platônicos ao desenvolver suas teorias, seja para reforçar ou para negar os pensamentos do filósofo

ateniense. Este trabalho busca apresentar um apanhado significativo de ambos os filósofos e trazer uma comparação, a fim de entender quais ideias de Merleau-Ponty foram inovadoras para a História da Filosofia, trazendo contribuições de fato, e quais são simplesmente repetições de paradigmas já estabelecidos por Platão, mas que se fazem parecer inovadoras.

Palavras-chaves: Platão; Merleau-Ponty; Ontologia; Fenomenologia; Percepção.

Abstract: The theme of metaphysics has been the focus of discussion throughout the History of Philosophy. Plato directly and indirectly influences many philosophers and thinkers that propose to enter in the universe of these questions. Among these is Merleau-Ponty, who is influenced by Platonic thoughts when developing his theories, to reinforce or to deny the thoughts of the athenian philosopher. This work seeks to present a significant overview of both philosophers and bring a comparison, in order to understand which ideas of Merleau-Ponty were innovative for the History of Philosophy, bringing contributions in fact, and which are simply repetitions of paradigms already established by Plato, but that make themselves seem innovative.

Keywords: Plato; Merleau-Ponty; Ontology, Phenomenology; Perception.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A problemática da relação entre visível e inteligível vem sendo discutida desde a antiguidade, e até hoje é uma das principais questões abordadas pela História da Filosofia. Esta problemática torna-se, então, o foco principal deste artigo, que colocará em termos comparativos as teses de Platão e de Merleau-Ponty referentes a essa temática. Para tanto, dividiremos o artigo em três partes:

Na primeira, será tratada a maneira com que Platão entende a relação dos elementos com a natureza do “ser” e do “devir”, a fim de verificarmos o processo que Platão acredita ser necessário para a aproximação do *ser*. Será discutida ainda a relação entre planos visível e inteligível na busca pelo *ser* e pela Verdade. Nesse sentido, será apresentada a teoria psicológica da percepção da realidade, por meio da imagem da Linha, presente no livro VI da *República*, destacando-se a importância que o filósofo dá ao plano visível, para o alcance do plano inteligível.

Na segunda parte do artigo, será abordada a teoria filosófica de Merleau-Ponty, em específico a sua “nova ontologia”, desenvolvida no livro *O Visível e o Invisível*, sua última obra, inacabada, publicada postumamente. Merleau-Ponty apresenta conceitos como “fé-perceptiva”, “estrutura” e “carne” que permitem uma compreensão maior de como o filósofo entende a relação entre o visível e o inteligível. Para tanto, será apresentada, ainda na segunda parte, a *Gestalt*, entendida por Merleau-Ponty em sua última fase como uma nervura ontológica que entrelaça os planos visível e inteligível, o mundo, a consciência e o corpo, por todos fazerem parte de um mesmo tecido, composto por uma mesma substância em que o *ser* se manifesta.

Na terceira parte, será feita uma comparação entre as teses em torno da busca do conhecimento de Platão e de Merleau-Ponty, procurando evidenciar as diferentes maneiras de pensar os caminhos construídos para a busca da Verdade e do *ser*, seja por meio da dialética e do inteligível, seja por meio da percepção e do visível (ou mais especificamente do sensível). Será possível, assim, perceber como o sensível se torna essencial em ambas as filosofias. Ainda nesta parte, serão tratados aproximações e distanciamentos entre os dois filósofos, quanto à temática levantada, no intuito de evidenciar a influência que Merleau-Ponty sofreu de Platão (validando, alterando ou negando) e quais aspectos de suas teorias ele desenvolveu sem sua contribuição.

PLATÃO: O VISÍVEL E O INTELIGÍVEL

Platão desenvolve sua teoria da busca pela Verdade e acesso ao *ser* de maneira fragmentada ao longo de seus diversos diálogos e considera o plano sensível como peça fundamental para se trilhar este caminho.

É necessário o entendimento da natureza dos elementos para a apreensão das disposições a serem apresentadas. Por isso, parte-se da divisão entre o que “é” e o que “devém” em seu diálogo *Timeu*:

Um pode ser apreendido pelo pensamento com o auxílio da razão, pois é imutável. Ao invés, o segundo é objeto da opinião acompanhada da irracionalidade dos sentidos e, porque devém e se corrompe, não pode ser nunca. Ora, tudo aquilo que devém é inevitável que devesse por alguma causa, pois é impossível que alguma coisa devesse sem o contributo duma causa. Deste modo, o Demiurgo põe os olhos no que é imutável e que utiliza como arquétipo, quando dá a forma e as propriedades ao que cria. (Platão, *Timeu* 28a)

90

Platão sugere que aquilo que “devém” provém do que “é”, por isso é derivado do *ser*. Este possui natureza eterna, imutável, inteligível, invisível e imortal, enquanto o que devém é mortal, mutável, tangível e visível. As espécies devenientes seriam “imagens” do *ser*, impressas no plano visível pelo Demiurgo, após ter olhado para as *archai* e as ter utilizado como arquétipo para a organização da matéria deveniente.

Na composição do ser humano, a *psyche* é a parte inteligível, e o corpo é a parte sensível, possuindo o indivíduo as características do que “é” e do que “devém”, respectivamente. A *psyche*, tendo acesso ao inteligível, persegue, por necessidade, as causas primeiras do que na natureza é racional (cf. *Timeu* 46d): o *ser*, as essências e a Verdade. Já o corpo, devido à sua natureza física, apreende as impressões na natureza, servindo de ponte entre esta e a *psyche*. É importante chamar a atenção, portanto, para um fato que pouco é observado na História

da Filosofia, sobretudo na História Contemporânea da Filosofia: o plano visível não é descartável para Platão, mas antes produz os sinais para que a *psyche*, em sua experiência corpórea, busque conhecer os inteligíveis.

Para que a *psyche* consiga se aproximar do *ser*, ela precisa apreender as imagens do mundo visível, que seriam, nessa perspectiva, as imagens provenientes das *archai*; mas por estarem (as *archai*) impressas no plano visível, a *psyche* precisa recorrer aos sinais existentes no plano visível, para perceber os inteligíveis que forem possíveis. Assim, é apenas por intermédio do visível que a *psyche* consegue avançar em busca do inteligível na procura pelo *ser* e pelas essências.

Logo, desde o nascimento, tanto os homens como os animais têm o poder de captar as impressões que atingem a alma por intermédio do corpo. Porém relacioná-las com a essência e considerar a sua utilidade, é o que só com o tempo, trabalho e estudo conseguem os raros a quem é dada semelhante faculdade. (Platão, *Teeteto* 186b-c)

91

Todos possuem, segundo sustenta Platão, a capacidade de perceber as formas sensíveis que levam a *psyche*, por intermédio do corpo, a perceber as formas inteligíveis, mas conforme nos declara o *Teeteto*, é necessário dedicação para que se possa relacioná-las com as essências, e aproximar-se da Verdade. Platão acredita que é pela filosofia que se permite racionalmente o alcance dos inteligíveis por meio das impressões no corpo. No *Fédon*, por exemplo, reforça-se a reflexão sobre tal questão:

(...) A uns podes tocar, ver ou perceber por intermédio dos sentidos; mas quanto aos outros, os seres que conservam sua identidade, não existe para ti nenhum outro meio de captá-los senão o pensamento refletido, pois que os seres desse gênero são invisíveis e subtraídos à visão? (Platão, *Fédon* 79a)

Apreendidas as impressões do corpo, é necessário fazer uso, apenas, do pensamento e da racionalidade, para se atingir um próximo nível. Ao contrário do que isto possa parecer, tal método não é ontológico, mas epistemológico, portanto, não pressupõe o abandono da vida somática, mas antes o melhoramento da percepção psíquica da realidade, buscando tornar a *psyche* apta a enxergar paradigmas na natureza.

No livro VI da *República*, Platão apresenta a imagem da Linha, para sustentar diferentes níveis de percepção psíquica da realidade, estágios a serem vencidos, partindo do visível em direção ao inteligível. Nesse contexto, Sócrates apresenta uma linha dividida em duas partes: a primeira representa o visível; a segunda representa o inteligível. Ambas são seccionadas novamente, totalizando quatro seções. No primeiro segmento do visível, “chamo, em primeiro lugar, as sombras; seguidamente, aos reflexos nas águas” (Platão, *República* 509e). O segundo segmento do visível “abrange a nós, seres vivos, e a todas as plantas e toda espécie de artefactos” (Platão, *República* 510a). No primeiro segmento do inteligível, “a alma, servindo-se, como se fossem imagens, dos objetos que então eram imitados, é forçada a investigar a partir de hipóteses, sem poder caminhar para o princípio, mas para a conclusão” (Platão, *República* 510b); neste espaço encontram-se também a geometria, a aritmética e as ciências desse gênero. O segundo segmento do inteligível “conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com o auxílio das ideias” (Platão, *República* 510b), representa as ideias enquanto princípios, as *archai*.

A imagem da Linha apresenta uma leitura mais detalhada dos planos visível e inteligível, permitindo compreender as transições entre níveis de percepção da realidade pela *psyche*. É possível perceber como é fundamental, para que a *psyche* possa se aproximar do *ser* e da Verdade, partir do plano visível e, por meio das apreensões das imagens feitas pelo corpo, avançar até o terceiro nível, ou o primeiro nível inteligível. A visão para o quarto nível, todavia, é proporcionada

à *psyche* apenas pelo intelecto, que é o patrimônio do verdadeiro saber (cf. Platão, *Fedro* 247c).

O homem consegue chegar ao terceiro nível de percepção, o primeiro nível inteligível, com o auxílio da ciência. Mas, por possuir parte de sua constituição devenida, possui limitações e não consegue alcançar propriamente o *ser* e a Verdade no quarto segmento da Linha, o que, segundo a leitura platônica, seria possível apenas pela *psyche*, quando esta consegue desvincular-se de seu *soma* – adentrando, aqui, na teoria psicológica da *psyche* enquanto “alma”¹ (para a qual seria necessário outro artigo), e não mais enquanto “mente” conforme surge na imagem da Linha e está-se abordando neste artigo.

É pela filosofia que se pode alcançar o conhecimento da existência do quarto nível, pois, mesmo que não o possa contemplar em sua totalidade, a *psyche* poderá saber de sua existência e buscar seus sinais na vida presente da vida humana somática; esta é, aliás, a capacidade da filosofia, que está acima da ciência, para Platão. É nesse sentido que Platão, no livro VI da *República*, introduz o conceito do “bom”² como o princípio que ilumina a *psyche* no plano visível, para a busca do *ser*. Platão apresenta, nesse contexto, o “sol” como filho do “bom” e estabelece um paralelo entre o “sol e a “vista”, assim como entre

93

1 A teoria psicológica da alma, abordada por Platão em diálogos como o *Fedro* e o *Fedon*, entende a *psyche* como “alma” e assume a possibilidade dela desvincular-se do corpo após a morte, o que permitiria, segundo sustenta Platão, alcançar a Verdade, uma vez que é a limitação física imposta pelo corpo que impede a alma, por estar “presa” a este, de avançar na busca pela Verdade e pelo *ser*.

2 Para Vegetti, e aqui compartilhamos, a tradução mais adequada para a expressão τὸ ἀγαθὸν é “o bom” e não “o bem”. A justificativa apresentada está no fato de que a expressão é sempre utilizada por Platão como “un aggettivo neutro sostantivato, esattamente come to kalon, to dikaion e così via (tecnicizzati nel linguaggio dele idee con il sintagma auto to-)” (Vegetti 2003: 253, nota 1). A tradução de τὸ ἀγαθὸν por um adjetivo substantivado em Língua Portuguesa atribuirá uma dimensão mais semelhante ao original, em que o “bom” será utilizado, neste tópico, quando se fizer necessário aclarar a noção de atribuição de bondade a algo, como é o caso de τὸ ἀγαθὸν na *República*; no sentido de tornar algo bom, conforme sugere Coutinho (cf. 2015: 190).

o “bom” e a “inteligência”. Desta forma é possível afirmar que assim como é necessário o sol para iluminar os objetos e torná-los visíveis aos olhos, é necessário o “bom”, para tornar os inteligíveis perceptíveis para a *psyche*.

Podes, portanto, dizer que é o Sol, que eu considero filho do bem³, que o bem gerou à sua semelhança, o qual bem é, no mundo inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o Sol no mundo visível em relação à vista e ao visível. (Platão, *República* 508b)

Desta maneira, Platão defende que, além da ciência, é preciso o “bom” para uma atitude filosófica, aproximando a *psyche* do *ser*: “numa palavra, o bem [bom], estando ‘além’ da existência, não é de modo algum uma realidade ‘transcendente’ ou metafísica, mas sim o fim das nossas ações e, simultaneamente, o que dá valor à nossa ação” (Casertano, 2011: 90).

94

Os quatro níveis apresentados na imagem da Linha representam diferentes níveis de percepção da realidade pela *psyche* e correspondem a uma capacidade de se aproximar mais da Verdade a cada nível. Platão entende todos os níveis como pertencentes a uma mesma realidade, são apenas a progressão da capacidade intelectual da *psyche*.

Platão conecta, portanto, os planos visível e inteligível, fazendo a multiplicidade e a unidade coexistirem na mesma realidade cósmica. A multiplicidade, portanto, é parte da realidade e não pode ontologicamente ser negada, pois ela não é não-ser, ao contrário, ela participa, mesmo que circunstancialmente, do ser. Platão sustenta, portanto, que o *ser* está em tudo, está presente no plano visível, mas, para que se possa descobri-lo, é necessária a caminhada filosófica pelos diferentes níveis de desencobrimento, correspondentes ao diferentes níveis de percepção psíquica da realidade na imagem da Linha.

3 Cf. nota 2.

A relação entre ideias e objetos sensoriais, de tal maneira, “não é, em sentido literal, uma relação de separação, mas uma relação de ‘encobrimento/descobrimento’” (Mesquita, 1995: 107). É o nível de ignorância ou de sabedoria de cada *psyche* que determinará a percepção dos paradigmas na natureza (cf. Coutinho, 2015: 196). Sócrates, no *Parmênides*, diz que “as formas estão na natureza como paradigma” (Platão, *Parmênides*, 132d), reforçando a ideia de que tanto ideia quanto objetos sensoriais fazem partes de uma mesma natureza, por isso a *psyche* consegue perceber o que é verossimilhante.

Diante de tudo isso, será feito, na próxima seção, um estudo da teoria de Merleau-Ponty sobre a percepção humana da realidade, para que seja possível estabelecer uma comparação com a filosofia de Platão e entender em quais pontos a filosofia de um se aproxima ou se distancia da filosofia de outro.

MERLEAU-PONTY: O VISÍVEL E O INVISÍVEL

95

Merleau-Ponty funda sua filosofia baseando-se no princípio da percepção humana. Para ele, a percepção “não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e é pressuposta por eles” (Merleau-Ponty, 1999: 6). Ela é a base para discussão das realidades e das diferentes perspectivas, é elemento fundador do conhecimento, elemento original da experiência em que se instala a consciência e a natureza.

A percepção do mundo pelo corpo-sujeito permite uma aproximação não apenas com a ideia de conhecimento como também com a própria verdade. Assim, Merleau-Ponty propõe um retorno aos fenômenos em busca da relação originária entre o homem e o mundo, desenvolvendo sua fenomenologia da percepção. Em Merleau-Ponty,

a redução fenomenológica⁴ mostra o mundo da percepção, e o mundo social quer fazer aparecer o mundo por meio da percepção.

A filosofia de Merleau-Ponty possui um viés existencialista e está voltada para a percepção. Merleau-Ponty acredita em “[...] uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade” (Merleau-Ponty, 1999: 1). Para ele, toda ideia ou pensamento, que se pode desenvolver, parte da percepção, da sua relação com o mundo.

Merleau-Ponty entende a natureza equiparada à carne⁵. Para ele, o homem já está conectado ao mundo e perspectivamente ligado aos objetos mundanos. Merleau-Ponty recusa a separação ontológica entre visível e invisível; entre natureza e consciência. O filósofo busca “reencontrar nossa experiência primordial e ultrapassar todas as perspectivas filosóficas que separam o perceptante e o percebido, o falante e a fala, a essência e a existência e o sentiente e o sentido.” (Falabretti, 2013: 313). Para ele:

Mundo e corpo compõem realidades inseparáveis, formando um sistema em que um não é exterior ao outro. Por isso que a consciência, não sendo mais a primeira nem a única realidade, deixará de ser um puro dado, pensamento de si para si, passando a constituir o mundo, e a habitá-lo, alimentando-se dele. (Filho, 2014: 79)

4 Merleau-Ponty entende a redução fenomenológica como um “recolocar em questão o pensamento objetivo da lógica e da filosofia clássicas, pôr em suspenso as categorias do mundo, pôr em dúvida, no sentido cartesiano, as pretensas evidências do realismo” (Merleau-Ponty, 1999: 80) para a partir da própria percepção, sem contaminação por um conhecimento pré-estabelecido, aproximar-se do conhecimento do fenômeno e do mundo. Merleau-Ponty recebe grande influência de Husserl para o desenvolvimento de sua fenomenologia, e dentre esta influência está a contribuição para a o entendimento de posturas como a redução fenomenológica.

5 Merleau-Ponty utiliza o termo ‘carne’ no *Visível e o Invisível*, para se referir a uma nervura ontológica diretamente conectada a *Gestalt* como forma de compreender como o *ser* se apresenta. A carne é um elemento do *ser*, é um princípio de constituição das coisas e do mundo.

O corpo, para Merleau-Ponty, é entendido como um veículo do ser-no-mundo, que o situa temporal e espacialmente. Além de fonte dos sentidos, é ele quem conecta o homem ao mundo:

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofado mesmo do corpo. (Merleau-Ponty, 2014: 14).

Merleau-Ponty entende as coisas ao redor do corpo, o mundo, como prolongamento do corpo. No trecho acima, o filósofo francês justifica nossa conexão com o mundo por este consistir em um anexo de nosso corpo. Tal anexação ou prolongamento do nosso corpo acontece por meio da percepção. Ao percebermos o mundo, estendemos nossa consciência ao alcance de nossos sentidos. Henri Bergson, em seu livro *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, diz: “se nosso corpo é a matéria a que nossa consciência se aplica, ele é coextensivo à nossa consciência, compreende tudo o que percebemos, vai até as estrelas.” (Bergson, 1976: 213). Neste exemplo, Bergson exemplifica que ao olharmos às estrelas nosso corpo se estende até elas, a visão neste caso prolonga nosso corpo para além dele próprio. O corpo é entendido por Bergson e por Merleau-Ponty com grande semelhança: como uma coextensão da consciência, que conjunta ao corpo – os sentidos fazem parte dele, e toda a extensão faz parte de sua percepção.

Para Merleau-Ponty, o corpo e o mundo são feitos de um mesmo “estofado”⁶, semelhantes em sua constituição, estão vinculados de

6 Merleau-Ponty utiliza a expressão “*l'étoffe ontologique*” (Merleau-Ponty, 1964a: 301), que foi traduzido para o português como “estofado ontológico”, utilizado no mesmo parágrafo da expressão “corpo do espírito”, para descrever este termo. O estofado seria uma

maneira profunda, onde um pertence ao outro, ao ponto de o mundo poder ser entendido como uma extensão do corpo.

Na tentativa de superar a dicotomia sujeito-objeto, Merleau-Ponty afirma que o homem é essencialmente corpo-consciência-do-mundo, o corpo é mundo e alma simultaneamente, o corpo do homem não é nem pura coisa nem a pura ideia, ele integra misteriosamente o percebido e o ato de perceber, o em si e o para si, pois está no mundo e é para o mundo; põe-nos em contato com o mundo e ao mesmo tempo é o modo segundo o qual nos revela ao mundo. (Lima, 2014: 113)

Merleau-Ponty apresenta um ponto de vista em que o homem não simplesmente percebe o mundo, mas por meio da reversibilidade do ser pode perceber a realidade do mundo e ser percebido por si mesmo como realidade do mundo. Tal reversibilidade se apresenta ainda de maneira mais clara no exemplo das duas mãos de uma pessoa que se tocam, discutido por Merleau-Ponty, em que é impossível saber se toca ou se é tocado.

O homem, além de veículo do ser-no-mundo, faz parte do mundo e do que ele próprio percebe. Ao habitar o mundo, o corpo nos coloca em contato com o mundo e, a partir deste, é possível o contato com o *ser* do mundo, do qual é parte, descobrindo as verdades do mundo: “O Ser é o ‘local’ onde os ‘modos de consciência’ se inscrevem como estruturas do Ser (...) e onde as estruturas do Ser são modos de consciência. (...) A percepção do mundo se efetua no mundo, a experiência da verdade faz-se no Ser” (Merleau-Ponty, 1964: 229).

Merleau-Ponty, ao estudar a estrutura do comportamento, visando superar aos dualismos corpo-alma, homem-mundo, sujeito-objeto,

mesma membrana, um mesmo elemento do qual participem sensível e inteligível no pensamento do filósofo francês.

empreende uma renovação da noção de “estrutura”, passando a concebê-la como junção de uma ideia e de uma existência (cf. Filho, 2014: 92). No livro *O Visível e o Invisível*, ele evidencia sua crença em uma nova ontologia que deve ser pensada a partir do “ser bruto”, ou seja, anterior a qualquer dualismo metafísico, anterior à fixação de conhecimento metafísico.

O “ser bruto”⁷ é aquele ao qual não foram submetidas as dicotomias corpo e alma, consciência e mundo, percepção e pensamento, onde o homem tem a capacidade de enxergar sem filtros ou julgamentos. Merleau-Ponty desenvolve uma ontologia do sensível, que parte da percepção, e se direciona a um pensamento não mais segregador, mas de união.

Merleau-Ponty não entende o invisível como contraditório ao visível. Pelo contrário, “o visível possui, ele próprio, uma membrura de invisível, e o invisível é a contrapartida secreta do visível, não aparece senão nele” (Merleau-Ponty, 1964: 200). Na filosofia de Merleau-Ponty, diferentes polos não são contraditórios, mas se entrelaçam por meio de uma estrutura em sua ontologia.

99

Merleau-Ponty apresenta uma noção de estrutura que responde a uma necessidade do espírito como um novo regime de pensamento. Este novo regime de pensamento passa a reformar a ontologia e abriu caminho para uma nova filosofia sem separação, sem corte entre “o corpo que percebe e o corpo que fala”, pois ambos são inteligíveis em termos de estrutura. (Falabretti, 2013: 309)

A estrutura seria, nesse sentido, como um entrelaçamento espon-tâneo – comunicação dinâmica – entre as partes que se encontra na

7 A expressão original a “ser bruto” é “l’être brut” (Merleau-Ponty 1964a: 207). O ser bruto se refere ao ser pré-reflexivo; o autor diz que “Só admitiremos um mundo pré-constituído, uma lógica, por tê-los visto surgir da nossa experiência com o ser bruto, que é como o cordão umbilical de nosso saber e a fonte do sentido para nós.” (Merleau-Ponty 1964: 155).

experiência do sentir, a significação autóctone, que ele acredita ser independente de um pensamento constituinte, pois ela já estaria dada antes de qualquer pensamento.⁸ A estrutura é o que permeia a convergência entre a pré-reflexão, o corpo-próprio e o mundo.

No livro *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty passa a considerar a *Gestalt*⁹ como o quiasma que une as pessoas e o mundo, onde as diferenças coabitam sem se excluírem. A *Gestalt* seria, ao mesmo tempo, o princípio explicativo e a condição do “ser-no-mundo”, uma maneira de pensar e relacionar os elementos existentes –sentiente-sensível, visível-invisível – e se baseia na “fé perceptiva”¹⁰.

Para Merleau-Ponty, o mundo sensível é o horizonte de co-presença onde acontecem todas as experiências do *ser* e do mundo. O filósofo entende as realidades sensível e inteligível, visível e invisível, pertencentes a um mesmo mundo.

E não se trata de uma analogia: é o mesmo mundo que contém nossos corpos e nossos espíritos¹¹, desde que se entenda por mundo não apenas a soma de coisas que caem ou poderiam cair sob os nossos olhos, mas também o lugar da sua compossibilidade (...)
(Merleau-Ponty, 1964: 24).

Para Merleau-Ponty, o visível e o invisível fazem parte de uma mesma realidade; o *ser* está no mundo e nas coisas, não está deslocado do visível. Merleau-Ponty apresenta a ideia do ser transcendental e do

8 Cf. Falabretti (2013: 323).

9 A *Gestalt* em Merleau-Ponty é entendida como um campo de abertura da percepção, é uma nervura ontológica que entrelaça os planos visível e inteligível.

10 A “fé perceptiva” é a busca pelo sentido original e primeiro, é apreendida pelo sensível antes da estruturação de qualquer pensamento, é pré-reflexiva. É por causa da crença que se tem no mundo e nas coisas que é possível acreditar na ordem e na conexão dos pensamentos (cf. Merleau-Ponty, 1964: 58). É por meio da fé perceptiva que se estabelece a confiança de que existe o entrelaçamento entre o visível e o invisível.

11 Do original “esprits” (Merleau-Ponty 1964a: 29)

ser empírico que existe em cada um e os coloca como faces distintas de uma mesma composição, sem se excluírem, mas, ao contrário, entende que a sensibilidade possui uma inteligibilidade, de forma que a razão e o empírico não se opõem, mas fazem parte da formação um do outro. (cf. Merleau-Ponty, 1964: 67)

Conforme apresentado, Merleau-Ponty traz uma nova perspectiva da relação entre as realidades visível e inteligível, que, em muitos pontos, se aproxima da tese de Platão a esse respeito, e, em outros, contrapõe-se. É nesse sentido, portanto, que, na seção a seguir, iremos verificar as influências que Merleau-Ponty recebeu de Platão, buscando demonstrar, ao contrário do que a tradição tem feito, a medida das alterações que o filósofo francês faz dos princípios platônicos e não propriamente uma negação de suas teses.

MERLEAU-PONTY E SEU DIÁLOGO COM PLATÃO

101

A partir do que vimos nas duas seções anteriores, é possível estabelecer pontos de aproximação e de distanciamento entre as teses focadas na relação visível e inteligível no sistema filosófico dos dois filósofos.

Merleau-Ponty, em seu livro *O visível e o invisível*, afirma que não nos estabelecemos num universo de essências, mas que nos reportamos à experiência do mundo que procede a essência (cf. Merleau-Ponty, 1964: 37). Neste sentido, ele parece ter bebido em Platão a ideia de que precisamos do visível para acessar o invisível, do sensível para alcançar o inteligível. Mas diferentemente do pensamento do filósofo ateniense, em que a essência é a causa formal das experiências do mundo, o filósofo francês defende que a possibilidade intrínseca do mundo como pensamento repousa no fato de que o mundo pode ser visto (cf. Merleau-Ponty, 1964: 43), ou seja, para ele o sensível é a causa formal das experiências do mundo.

O mundo visível, para Platão, é uma imagem do plano inteligível; segundo esta designação, Merleau-Ponty discorre que:

A palavra imagem é mal-afamada porque se julgou irrefletidamente que um desenho fosse um decalque, uma cópia, uma segunda coisa, e a imagem mental um desenho desse gênero em nosso bricabraque privado. Mas se de fato ela não é nada disso, o desenho e o quadro não pertencem mais que ela ao em si. Eles são o dentro do fora e o fora do dentro, que a duplicidade do sentir torna possível, e sem os quais jamais se compreenderá a quase presença e a visibilidade iminente que constituem todo o problema do imaginário. (Merleau-Ponty 2014: 22)

102

Esta visão “mal-afamada” da palavra “imagem”, mencionada pelo filósofo francês, remete provavelmente a um reducionismo histórico da filosofia de Platão quanto ao que significaria o plano visível em seu sistema filosófico. Merleau-Ponty, entende o visível e o inteligível como “dentro do fora e fora do dentro”, “verso e anverso” um do outro (cf. Merleau-Ponty, 1964: 67), pertencem a uma mesma realidade. Embora isto seja visto como uma inversão contemporânea anti-platônica, é possível notar com nitidez que a unidade está presente na multiplicidade em Platão; visível e inteligível estão conectados, residem um mesmo cosmos, o que pode ser verificado pela fala de Mesquita no trecho a seguir:

(...) não existe verdadeira dualidade na separação platônica, uma vez que só a ideia é, realmente, o ser; o que existe é uma dualidade de ‘visadas’, uma real, porque vê, e outra aparente, porque só vê a aparência, ou, o que é o mesmo, porque só na aparência vê (Mesquita 1995: 106).

O mesmo pensamento pode ser notado na imagem da Linha, presente no livro VI da *República*. A teoria de Platão não pode ser

seccionada em dois planos separados: o perceptivo e o inteligível. Ao contrário, os planos visível e inteligível estão conectados e coexistem em um plano único e maior que abrange ambas as realidades. Mesmo o quarto nível da Linha (não alcançável integralmente) está presente como paradigma na vida prática da realidade humana. Este é, aliás, um ponto real de antítese entre os dois filósofos.

A coexistência entre visível e inteligível é o que permite que a *psyche* humana consiga alcançar o terceiro nível, ou seja, o primeiro nível do segmento inteligível. A unidade, nesse sentido, demonstra sua coexistência com a multiplicidade *da* e *na* natureza. Trata-se de um caminho a ser percorrido entre os diferentes segmentos, a fim de vislumbrar a existência do quarto nível, último e mais elevado. Sócrates diz, na imagem da Linha, que a *psyche*, para o quarto nível, precisa utilizar “as ‘hipóteses’ não como ‘princípio’, mas como ‘hipóteses’ realmente, como ‘degraus ou pontos de apoio’ (*República* 6, 5115-6) – já que a *psyche* ‘não tem poder para ir acima das hipóteses’ (*República* 6, 511a6-7)” (Coutinho, 2015: 201).

103

O que Merleau-Ponty acrescenta, de fato, a esse sistema é a finalidade, uma vez que o princípio que estabelece a percepção da unidade na multiplicidade se coincidem nos dois filósofos. Em Platão, a finalidade consiste em se buscar o inteligível mais elevado, enquanto no filósofo francês ela consiste em romper com a hierarquia entre visível e inteligível, colocando-os em um mesmo patamar de elevação.

Em mais uma tentativa de romper com a hierarquia do sistema metafísico tradicional, Merleau-Ponty fala sobre níveis de desencobrimento do *ser* em seu livro *O Visível e o Invisível*:

o que existe é toda uma arquitetura, toda uma “disposição em andares” de fenômenos, toda uma série de “níveis de ser” que se diferenciam pelo enovelamento do visível e do universal com um certo visível onde se duplica e se inscreve. Fato e essência não podem mais ser distinguidos (Merleau-Ponty 1964: 113).

No trecho acima, Merleau-Ponty fala sobre uma “disposição em andares” de fenômenos, sobre “níveis do ser”, o que remete a imagem dos níveis de percepção na Linha de Platão, em que, não diferentemente, o *ser* encontra-se já desde o primeiro nível do plano visível da realidade.

A esse respeito, é importante notar que os níveis apresentados na imagem da Linha são os diferentes níveis de percepção da *psyche* humana, que, como degraus de uma escada, são escalados sempre do menos elevado para o mais elevado (em termos de percepção psíquica da realidade, não em termos de negação ontológica de um em detrimento de outro, visto que todos se complementam e permitem o avanço perceptivo da *psyche*).

Casertano descreve cada segmento como uma faculdade, uma capacidade maior, relativamente ao segmento ou aos segmentos que o precedem de alcançar a clareza (cf. 2011: 95-96). Portanto, os segmentos correspondem a um processo, um caminho, não partes separadas e independentes. O ponto central de diferença entre Platão e Merleau-Ponty, nesse sentido, não é o princípio da unidade na multiplicidade, como gostaria a Contemporaneidade, visto que, para ambos, pelo visível desvela-se o invisível, mas antes o princípio que fundamenta a realidade humana, que para Platão está no inteligível e para Merleau-Ponty está no sensível.

Mas, uma vez que sem o plano visível a *psyche* não teria os sinais da inteligibilidade para se guiar, o plano visível torna-se tão importante para a *psyche* humana quanto o plano inteligível, em Platão. No diálogo do *Teeteto*, Sócrates questiona: “E em qual das duas classes pões o ser? Pois o ser ocorre em tudo” (Platão, *Teeteto* 186a). É possível notar com nitidez que Platão sustenta que o *ser* está em tudo, tanto no visível quanto no invisível; em outras palavras, no sensível e no inteligível. Em Merleau-Ponty, isto surge, por exemplo, na *Fenomenologia da Percepção*, ao afirmar que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos (cf. Merleau-Ponty, 1999: 205). Deixando claro seu

posicionamento em acreditar que sensível e inteligível fazem parte um do outro, Merleau-Ponty conclui que ambas as realidades coexistem.

O principal equívoco em relação a leitura que se faz de Merleau-Ponty é a crença de que o filósofo francês inovou ao defender o entrelaçamento entre visível e inteligível, quando na verdade, Platão já apresentava tal ideia em seus diálogos. Nesse sentido, Merleau-Ponty concorda, de maneira direta com Platão, ao invés de estar indo contra seu pensamento.

Platão não separa o plano visível do plano inteligível no cosmos. Mesmo no *Timeu*, um clássico exemplo da separação ontológica entre as *archai* (princípios absolutos) e o cosmos (resultado demiúrgico da cosmologia-cosmogonia), o cosmos é apresentado como um organismo perfeito (“o mais semelhante possível” das *archai*), resolvendo-se em si, sem mais nada precisar, depois de sua organização criativa, das *archai*.¹² É neste sentido que Platão, já desde Aristóteles e passando por Agostinho, foi mal interpretado como um filósofo que propunha a separação entre plano visível e plano inteligível. De fato, a separação existe, mas apenas para sustentar a ideia de que o ser humano não é capaz de ter acesso pleno aos princípios absolutos, às verdadeiras plenas, pelo menos não em sua vida como a conhecemos – encarnada. Eis aí a teoria psicológica da alma; matéria para outro artigo! Esta é uma postura filosófica que Platão assume para dar à figura do filósofo seu lugar de incompletude, já que, buscando a verdade sem nunca a alcançar (pelo menos na vida somática presente), nunca poderá também se contentar com a simplificação do universo em sua instância visível.

Todas essas semelhanças entre Platão e Merleau-Ponty não servem para menosprezar o sistema filosófico do segundo e engrandecer o do primeiro, mas antes e apenas para demonstrar que grande parte do sistema do filósofo francês está ainda sintonizado com o sistema do filósofo ateniense. Tais semelhanças também não tentam, aqui,

12 Cf. Platão (*Timeu*, 28a).

demonstrar que o filósofo contemporâneo não tenha desenvolvido propostas originais em seu sistema filosófico; pelo contrário, depois de detectadas algumas semelhanças, pudemos notar, com maior honestidade histórica, o que de fato é original da História da Filosofia Contemporânea em relação à tradição metafísica.

Um importante acréscimo que Merleau-Ponty faz, se comparado a Platão, é que, para o filósofo francês, o conhecimento é alcançado por um tipo de pré-reflexão, por meio somente da percepção anterior a qualquer forma de racionalização e pensamento, em outras palavras, no ser bruto.

Merleau-Ponty compreende a percepção como uma experiência onde se une consciência-mundo, e assim ela coincide com essa experiência constituindo-se como fundamento daquele que percebe e do que é percebido, uma vez que ambos surgem em mútua união; o processo perceptivo, então, é a síntese sujeito-mundo, vivência verdadeira de uma unidade (corpo próprio), dada imediatamente e anterior à reflexão. Portanto, não podemos, em conseqüência, aplicar à percepção a distinção clássica de matéria e forma nem conceber o sujeito que percebe como uma consciência que ‘interpreta’, ‘decifra’, ou ‘ordena’ uma matéria sensível da qual possuiria a lei ideal (Merleau-Ponty 1990: 41). (Lima 2014: 112)

106

A diferença entre as duas perceptivas filosóficas, portanto, não está no problema da separação entre visível e inteligível. Nem Merleau-Ponty nem os demais contemporâneos são originais ao criticarem, em Platão, essa separação em Platão, visto que a união é uma evidência epistemológica e até ontológica se levarmos em conta o resultado do cosmos no *Timeu*, por exemplo. A originalidade do pensamento contemporâneo, em específico a de Merleau-Ponty, está na negação da primordialidade das *formas*, rompendo, assim, com a teleologia platônica, não na união das formas com o sensível.

A percepção para Merleau-Ponty é a maneira pela qual a consciência e o mundo se conectam, de maneira pré-reflexiva. Ela é um processo genuíno e original, sem destino definido, ao contrário do que propõe Platão, de fato, ao sustentar que a percepção da realidade é um processo que precisa ser “desvelado”, “interpretado”, com o intuito de aproximar a *psyche* o mais possível das *archai* (princípios absolutos). Platão parte de um mundo inteligível pré-existente, de proposições válidas *a priori*, que não são negadas pela experiência, enquanto Merleau-Ponty propõe a fé perceptiva como um mergulho radical na compreensão do sensível, do múltiplo (cf. Paviani, 2004: 754).

Em Merleau-Ponty, o sensível adquire um mesmo nível de importância, senão maior, em relação ao inteligível, ele não vê a realidade sensível como um reflexo da inteligível, ao contrário do que é possível perceber nos princípios platônicos, onde a multiplicidade é espelho devenida da unidade. Para Merleau-Ponty, o plano sensível já é a Verdade, e cabe-nos aprender a ver este mundo. Aí está sua contribuição para a História da Filosofia, que afetam certos princípios em torno da ‘diferença’ e da ‘estética’, por exemplo.

Merleau-Ponty, em seu livro *O olho e o espírito*, afirma que “é preciso tomar ao pé da letra o que nos ensina a visão: que por ela tocamos o sol, as estrelas, estamos ao mesmo tempo em toda a parte, tão perto dos lugares distantes quanto das coisas próximas [...]” (Merleau-Ponty, 2014: 43). Merleau-Ponty, nesta citação, recorre à linguagem platônica, mais especificamente da alegoria da Caverna no livro VII da *República*, e confronta o que Platão defende ao afirmar que consegue tocar o sol com a visão. Na leitura platônica, o sol representa alegoricamente o ser e a Verdade, para ser comparado ao “bom” que está para a *psyche* da mesma maneira que o sol estaria para a visão (no livro VI da *República*, conforme vimos na primeira seção), para sustentar que, assim como os olhos não podem se fixar ao sol (mas poderiam vislumbrar seus sinais na natureza), também a *psyche* não poderia fixar-se ao “bom” (mas poderia vislumbrá-lo como sinais no intelecto). Neste momento,

Merleau-Ponty faz uma provocação ao afirmar que a Verdade pode ser alcançada *pelos* e *nos* sentidos, contrariando a teoria platônica. Mais uma vez, aí, temos um confronto bastante original.

Na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial só apresenta sentido se unida à dimensão existencial, ao mundo vivido. Essência e existência apresentam-se como dimensões de um mesmo fenômeno, o ser humano (cf. Lima, 2014: 116). Merleau-Ponty, assim como Platão, entende o ser humano como uma unidade, formada por corpo e alma. Mas ao contrário de Platão, que entende o corpo como sinal para os inteligíveis, Merleau-Ponty dá muito mais importância ao corpo em sua ontologia e acredita que este não é um receptor passivo – o corpo é, ao contrário, existência ativa para a apreensão do conhecimento.

Tanto Platão quanto Merleau-Ponty entendem que o caminho para a Verdade e a essência iniciam-se na percepção. Porém, para sustentar que se parte da percepção para a aproximação da Verdade, Merleau-Ponty faz uso da *Gestalt*, uma nervura ontológica que entrelaça sensível e inteligível, como o sistema de sustentação cujo pivô é o mundo, e não a ideia (cf. Merleau-Ponty, 1964: 193), o que vai de maneira contrária ao que Platão defende, pois, por mais que este considere a percepção sensível para a busca da Verdade, seu fim último é o inteligível e é onde está ancorada sua teoria.

Diferentemente de Platão, Merleau-Ponty dá uma importância inestimável ao corpo, colocando-o como extensão da consciência, e isto naturalmente irá abrir as portas da Contemporaneidade para uma prática mais baseada na diferença (já iniciada por Nietzsche, diga-se apenas de passagem), que afetará as diversas relações da vida prática da humanidade: direito, moral, estética, dentre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que a tradição filosófica fez parecer, é possível perceber como a filosofia de Platão influenciou Merleau-Ponty,

principalmente na maneira deste entender a relação entre visível e invisível, sensível e inteligível.

Como elemento de aproximação entre Platão e Merleau-Ponty, ambos acreditam que o início da busca pelo *ser* e pela Verdade parte do visível, ou mais especificamente do sensível. Ambos acreditam também que o visível é constituído pelo *ser*.

Mas enquanto para Platão a razão percebe os sinais do *ser* no plano sensível, para Merleau-Ponty no próprio descobrimento do mundo sensível o *ser* se manifesta e, por meio de uma fé perceptiva e de uma apreensão pré-reflexiva da realidade, tem o contato com o *ser* do mundo. Os pontos de divergência, dessa maneira, vão se intensificando: Merleau-Ponty ancora sua filosofia na percepção e no corpo, diferentemente de Platão que propõe o inteligível como fim.

Para Merleau-Ponty, por meio do contato do corpo com o mundo é que o *ser* se apresenta, pois entende o corpo como “ser-no-mundo”, acrescentando-lhe a noção de “ser-consciência-no-mundo”, pois o *ser* faz parte do mundo, ao mesmo tempo em que se torna um com ele. Assim, corpo, consciência e mundo são unidos por um mesmo tecido, e a Verdade tem como base essas relações. Merleau-Ponty sustenta a consciência como parte coextensiva do corpo, entendendo a *psyche* como parte do corpo e acredita na capacidade de estendê-la até onde qualquer e todo sentido possa alcançar, trazendo o mundo para dentro do homem em uma mesma constituição onde corpo, consciência e mundo estão vinculados.

Enquanto para Merleau-Ponty “(...) eu não estou diante do meu corpo, eu estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo.” (Merleau-Ponty 1999: 207-208), para Platão somos *psyche* e temos um corpo.

109

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Bergson, H. (1976) *As duas fontes da moral e da religião*. Trad. Caixeiro, N. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Casertano, G. (2011) *Uma introdução à República de Platão*. Trad. Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus.
- Coutinho, C. (2015) *Katabasis e Psyche em Platão*, Tese de Doutorado em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra, Estudo Geral <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/28391/1/Katabasis%20e%20Psyche%20em%20PlatC3%A3o.pdf>
- Falabretti, E. (2013) “Estrutura e ontologia na obra de Merleau-Ponty” in *Revista Filosofia*. Curitiba: Aurora, 305-341.
- Filho, J. (2014) “Acerca da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty” in: Lima, ABM. (Org.) *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Bahia: Editus, 124.
- Lima, A. (2014) “A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty” in Lima, A.. (Org.) *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Bahia: Editus, 124.
- Merleau-Ponty, M. (2014) *O olho e o espírito*. 1. Ed. Trad. Leite C. São Paulo: Cosac & Naify.
- Merleau-Ponty, M. (1999) *Fenomenologia da percepção*. Trad. Moura C. São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (1964) *O visível e o invisível*. 4.ed. Trad. Gianotti J. e Armando M. d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1964a) *Le visible et l’invisible*. Paris: Gallimard.
- Mesquita, A. (1995) *Reler Platão - Ensaio sobre a teoria das ideias*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Paviani, J. (2004) “A filosofia em seus extremos: de Platão a Merleau-Ponty” in *Veritas*. Porto Alegre, 751-762.
- Platão. (1972) *Fédon*. Diálogos. Trad. Paleikat J. e Costa J. São Paulo: Abril Cultural e industrial.
- Platão. (1988) *Teeteto*. Trad. Nunes C. Belém: Universidade Federal do Pará.
- Platão. (2000) *Fedro ou da Beleza*. Trad. E notas Gomes P. Lisboa: Guimarães editores.

- Platão. (2003) *Parmênides*. Trad. e notas Iglesias M. e Rodrigues F. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Platão. (2005) *A República*. Trad. e notas Pereira M. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Platão. (2011) *Timeu, Crítias*. Trad., Introd. e notas Lopes R. Coimbra: ECH.
- Vegetti, M. (2003) “Megiston mathema: l’idea del ‘buono’ e le sue funzioni” in *La Repubblica*, vol. 5 (a cura di Mario Vegetti). Nápoles: Bibliopolis, 253-286.

